

O PROTAGONISMO DO INDIVÍDUO NA SOCIEDADE HIPERMODERNA

*Carla Gandini Giani MARTELLI**

RESUMO: Este trabalho pretende discorrer sobre os vários significados que o termo **individualismo** pode assumir na sociedade hipermoderna. Isso será feito a partir da elaboração de uma tipologia dos indivíduos: indivíduo **pouco indivíduo**; indivíduo **muito indivíduo** e indivíduo **narcísico altruísta**, mostrando que o último tipo é o que melhor expressa a sociedade de hoje: uma sociedade paradoxal na qual coabitam sentidos contrários. E é exatamente em função das contradições e paradoxos que se pode acenar com otimismo para as possibilidades do indivíduo: ele pode ser, a um só tempo, obcecado por si mesmo e sensível ao outro.

PALAVRAS-CHAVE: Individualismo. Hipermodernidade. Narcisismo. Altruísmo. Consumismo.

Ideias e conceitos se movem juntamente com a História. Novos significados são criados mediante as condições materiais, culturais, sociopolíticas de um dado tempo histórico. Mas os significados não são necessariamente únicos num mesmo contexto: não só um mesmo conceito pode abarcar vários entendimentos, como esses podem ser contraditórios. Tomando o termo **individualismo** como objeto de reflexão, como concebê-lo na sociedade de hoje? Estaríamos vivendo o auge do **individualismo egoísta**, em que impera a lógica do cada um por si? Ou podemos pensar no desenvolvimento de um **individualismo altruísta**, que é sensível à lógica e às necessidades do outro?

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. – Departamento de Antropologia Política e Filosofia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – cmartelli@fclar.unesp.br

A temática do indivíduo sempre foi cara à Sociologia. Neste trabalho, procuramos enfrentá-la a partir da elaboração de três diferentes tipos de indivíduos: indivíduo “pouco indivíduo”, indivíduo “muito indivíduo” e indivíduo “narcísico altruísta”¹. Essas adjetivações têm o objetivo de trazer à luz a riqueza de sentidos que se pode atribuir a um conceito, neste caso, ao **individualismo**.

Indivíduo “pouco indivíduo”: vítima da história

O primeiro tipo proposto para um possível significado de indivíduo é o “pouco indivíduo”, que quer representar o indivíduo fragmentado, dividido, não-integral. Por isso, “pouco” indivíduo. Os indivíduos “pouco indivíduo” são aqueles que conseguiram se soltar das amarras da tradição, da família, da religião – por isso **indivíduos** – mas que estão presos às determinações do sistema. Individualismo, neste caso, pode querer significar a condição de mobilidade, de soltura, de descolamento, de livre escolha que a modernidade permite, mas apenas isso. É como se os “pouco indivíduos” modernos tivessem, apenas em potência, a possibilidade de exercer sua liberdade de escolha, mas, em virtude da sua condição material de existência, tal liberdade lhes fosse cerceada. É como se não tivesse sido acionada a alavanca da liberdade de escolha e decisão que os indivíduos modernos trazem em potência. Como consequência, tais indivíduos não podem exercer sua individualidade, não entram num processo de individuação, mas, ao contrário, ficam subsumidos às massas, conformistas e disformes.

O indivíduo “pouco indivíduo” é o ponto de partida da modernidade. O individualismo só se forma, enquanto conceito e enquanto valor, na modernidade que permite a soltura dos sujeitos dos sistemas de compromissos, lealdades e fidelidades, impostos pela tradição. Em princípio, os indivíduos se soltam das imposições tradicionais e ficam livres para escolher a que comunidade pertencer, a que profissão se dedicar, a qual religião se converter (ou não se converter a nenhuma). No entanto, esses indivíduos, – soltos das estruturas estamentais, soltos das determinações da consanguinidade, soltos da comunidade, soltos das mãos de Deus – são logo capturados pelo sistema de produção da vida material capitalista, com todas as implicações que esse sistema impõe com relação à fragmentação e à alienação.

Há uma corrente de pensadores que desenvolve a tese de que a alienação, fruto da divisão e da especialização do trabalho no sistema capitalista, implica

¹ Essas três formas de ser indivíduo na modernidade tardia já foram trabalhadas por mim em outro texto. Neste trabalho, aproveitei a ideia original fazendo novas considerações e adaptações. Cf. MARTELLI (2006).

alienação no trabalho, nas relações sociais, na política, no consumo, no lazer, enfim, produz um homem alienado, fragmentado e passivo diante das determinações do sistema. A este homem caberia a imagem de refém, de vítima de um sistema maior, determinante, portanto. Caberia a imagem de um indivíduo destituído de opinião e de vontade próprias, destituído de poder.

Não é só isso. Alguns autores defendem a ideia de que a visão do *eu* como vítima indefesa das circunstâncias externas foi estimulada tanto pelas experiências de dominação do século XX como pelas muitas variações do pensamento social contemporâneo que teria no behaviorismo sua forma mais bem acabada. A retórica da “vítima indefesa das circunstâncias externas” se constrói amparada pelos discursos do **sobrevivencialismo**, bastante estimulados a partir dos anos 60. “Nossa percepção não apenas do passado e do futuro, como do presente, coloriu-se com uma nova consciência dos extremos. Pensamos em nós mesmos, simultaneamente, como sobreviventes e como vítimas, ou vítimas em potencial”, escreve Christopher Lasch (1987, p.57).

À ideia de vítima junta-se a ideia de fragilidade, de impotência. Os indivíduos “pouco indivíduos” são vítimas do sistema dominante e sentem-se impotentes diante de sua força. Esses indivíduos fazem parte da grande maioria, desprovida dos meios de produção necessários para a satisfação de suas necessidades. São os indivíduos fragmentados pelos processos de divisão e especialização do trabalho e, conseqüentemente, alienados no trabalho, na política, nas formas de consumo, no lazer, nas relações sociais. São os indivíduos destituídos de vontade, de poder, de opinião. São aqueles que não exercitam a razão crítica e fazem da razão instrumental seu meio de vida; são os indivíduos **reificados, coisificados**, apontados pelo marxismo, com comportamentos, estilos de vida, modos de pensar e sentir, homogeneizados pela cultura de massa. São os indivíduos que se perdem na sociedade de massas², que são captados pela indústria cultural. São os indivíduos que ficam presos a experiências **mercantilizadas** em detrimento de experiências **personalizadas**, lembrando os termos de Giddens (1991), ou seja, não encontram espaço para individualizar suas experiências e são engolidos pelo gosto, pelo estilo e pelas necessidades, propostos pelo mercado. São os **consumidores falhos**, de que fala Bauman (1998), que não conseguem entrar no mercado de consumo, pois que não apresentam condições financeiras para entrar no jogo da livre escolha, jogo esse estimulado pela lógica da concorrência; sentem-se fora do processo, não-livres para saciar a necessidade de consumo que o mercado cria; não-livres para escolher dentre tantos produtos apresentados pelo mercado; sentem-se frustrados e presos a uma condição de consumidores falhos,

² Para lembrar Agnes Heller (1970, p.70), “sociedade de massas” seria uma expressão metafórica para descrever uma sociedade conformista manipulada.

“cidadãos falhos” portanto, já que ser consumidor na sociedade atual é uma das condições para que os indivíduos sintam-se cidadãos, com direitos preservados (pelo Código do Consumidor, em primeiro lugar) e o dever de contribuir para o aquecimento do mercado. Atuar como consumidor (e como cidadão) é sentir-se participando do aquecimento da economia e protegido pela lógica da concorrência: se não estiver satisfeito, o consumidor/cliente reclama seus direitos ameaçando, por meio de seu poder de livre escolha, àqueles que lhe vendem produtos, serviços, sonhos. Livre para satisfazer-se aqui ou ali, joga com a lógica do mercado concorrencial. Negar a entrada nesse jogo é negar essa liberdade; é aprisionar o indivíduo à sua qualidade de “pouco indivíduo”.

Também ao “trabalhador falho” cabe a imagem de “pouco indivíduo”: ameaçado pela lógica competitiva global que impõe velocidade e dinamismo às inovações e qualificações, o “trabalhador falho” é aquele que, limitado por sua condição de vida, não consegue responder às exigências impostas pelo mundo do trabalho, não se sente em condições de competir com os trabalhadores globais, ficando sempre à margem do processo. Por não conseguir entrar na economia formal, oficial, participa da economia informal. Então não contribui com os impostos oficiais, não conta com nenhuma garantia legitimada pelos Estados, não se vê vinculado a nenhuma entidade oficial, enfim, não faz parte da lógica de trabalho e emprego imposta pelo mercado global atual. Por isso é falho; por isso é “pouco indivíduo”.³

É a força do mercado, é a lógica do sistema que define quem é falho. São falhos aqueles que não obedecem à lógica; são falhos porque não reproduzem a lógica; são falhos porque impõem uma lógica marginal à lógica capitalista dominante: consumidores falhos quebram a cadeia de consumo e desaquecem a economia; trabalhadores falhos quebram a lógica da economia formal e criam lógicas paralelas; cidadãos falhos correm à margem dos direitos e dos deveres legitimados pelo Estado e pela sociedade. Ainda que dentro das lógicas paralelas gozem de certa liberdade de escolha – escolhem que tipo de não-consumidor, de não-trabalhador, de não-cidadão querem ser –, tais indivíduos estão condenados a ficar fora do jogo principal, fora do sistema dominante, fora do *mainstream*. Não têm mobilidade para circular no mercado global, na “fábrica global”, na sociedade global.

Alguns autores falam na **dissolução do indivíduo**. Pietro Barcellona (1995), por exemplo, observa que o indivíduo da sociedade contemporânea está destinado a permanecer indeterminado. Isto porque as próprias bases de identificação do indivíduo – o tempo, o corpo, a experiência e o espaço – encontram-se em processo

³ O termo “consumidor falho” é apresentado por Bauman (1998). Procurando seguir a mesma lógica, apropriamo-nos do termo para falar de “cidadão falho” e de “trabalhador falho”.

de destruição. Com relação ao tempo, não há futuro, porque tudo é repetição; com relação ao corpo, esse não é potência vital, unidade vivente, mas objeto segmentado, organismo físico-químico e nível de pulsação psíquica; com relação à experiência, se o agir é repetitivo, não há lugar para a experiência, não há lugar para o possível; com relação ao espaço, esse só tem sentido em relação ao tempo, ao corpo e à experiência.

Partindo desse ponto de vista, o mundo contemporâneo assistiria, cada vez mais, à dissolução do indivíduo frente ao sistema capitalista global. Ao lado do triunfo do cálculo utilitarista que transforma necessidades, desejos e prazer em objetos de cálculo, a vitoriosa legitimidade conquistada pelo saber técnico invade todos os aspectos da vida humana. Se em outras épocas a garantia de sobrevivência dos indivíduos era confiada a uma relação imediata com a natureza ou a relações políticas e sociais de dependência, na sociedade atual a forma do mercado e da igualdade jurídica consente fazer transitar todas as necessidades e todos os interesses em um único sistema de cálculo racional. Daí o triunfo do cálculo utilitarista que retira do indivíduo a possibilidade de arranjos imprevisíveis, de desejos e necessidades não contemplados pelo mercado. Daí a concretização da “férica prisão” vislumbrada por Max Weber (1985, p.131), ou seja, seria a vitória da racionalidade instrumental a escravizar todas as outras formas de razão. A exaltação da autoridade da ciência e da técnica faz dos especialistas das diversas áreas do saber “os guias” dos indivíduos destituídos de querer e de poder. Todas as atividades que fazem parte da vida são contempladas com uma gama de especialistas que orientam os passos dos indivíduos, os quais se sentem impotentes para tomar qualquer tipo de decisão. Sentem-se fragilizados e inseguros porque perderam o controle das ações do cotidiano. Sentem-se inseguros diante da infinidade de possibilidades de como levar a vida em todos os seus aspectos.

Pode-se pensar no processo de dissolução do indivíduo, portanto, a partir de vários referenciais teóricos. Pelo viés da teoria marxista, a divisão social do trabalho (com a conseqüente separação do planejamento e da execução do trabalho) ensejou um constante processo de alienação e fragmentação dos indivíduos que atinge todos os aspectos da vida; pela teoria weberiana, pode-se pensar na hegemonia da ação racional-legal, e, então, na hegemonia de formas mais impessoais de pensar e agir; a pessoalidade do carisma, assim como os vínculos afetivos da tradição, perdem espaço para ações racionais e impessoais; sob o ponto de vista freudiano, pode-se pensar num constante processo de renúncia do indivíduo aos seus instintos sexuais e agressivos em nome da coletividade e, ainda, pela teoria crítica da Escola de Frankfurt, considerando as diferentes abordagens, pode-se apontar a força da sociedade de massa, o constante processo de homogeneização dos comportamentos ao qual essa sociedade está submetida.

Respeitando as diferentes posturas teóricas, o que se quer marcar é a possibilidade que abrem para **um** entendimento de indivíduo: o “pouco indivíduo”. Esse viés explicativo leva a pensar um sistema racional rígido, no qual o imponderável, o espontâneo, o inédito, o criativo, diluiriam-se diante do determinismo do sistema. É a derrota do projeto iluminista. É a vitória da lógica da “férrea prisão”.

Indivíduo “muito indivíduo”: o auge do egocentrismo.

No segundo tipo, indivíduo “muito indivíduo”, pensamos nos indivíduos que têm o poder de ditar as regras do jogo capitalista atual, ou naqueles que aprendem os mecanismos de funcionamento do jogo, manipulando as cartas em vantagem própria. Neste caso, o termo individualismo é sinônimo de egocentrismo, de egoísmo. O individual – particular, próprio, único, especial – contrapõe-se ao geral, coletivo. O **individualista** é tido como desumano, egocêntrico, egoísta, inumano, em oposição ao *altruísta* que é desprezado, que renuncia a si diante dos outros, que é desapegado. O lema do altruísta seria “viva para outrem” ou “ama o próximo mais do que a ti mesmo”, contra o lema do individualista egocêntrico: “ame-se a si mesmo”. Numa versão mais exacerbada do individualismo, chegar-se-ia ao narcisismo: nutrir um amor excessivo a si mesmo e a sua imagem, levando à autoadmiração e à autocontemplação extremadas.⁴

Estes indivíduos “muito indivíduos” são aqueles que trazem a característica da indivisibilidade radicalizada na forma de uma impenetrabilidade, ou seja, não se deixam envolver pelas questões dos outros, não se deixam penetrar pelos problemas que não lhes digam respeito, diretamente. São os indivíduos que se beneficiam, imediatamente, das conquistas da sociedade capitalista. São os indivíduos que não somente se soltaram das amarras da tradição como também desejam soltar-se das amarras da coletividade. Não querem ficar presos à coisa alguma. Todos os processos que impliquem ações e decisões coletivas são desprezados. A esses indivíduos interessa pensar na melhor forma de levar a vida e calcular ações para os fins desejados; menos interessados nos assuntos que dizem respeito à coletividade, à comunidade, esses pensam no seu grupo primário, querem atender às solicitações e ao bem-estar de si e de sua família. Não se envolvem em questões políticas que possam tirá-los de uma situação de bem-estar e conforto; não assumem compromissos que possam solicitá-los, mais do que planejaram. São os indivíduos que querem todas as vantagens para si,

⁴ Cf. Ferreira (2009), Houaiss (2001).

que seguem o lema do “cada-um-por-si” e do “salve-se-quem-puder”. São os indivíduos que lucram com a exploração, com a narcotização das consciências, com o enfraquecimento das ações coletivas.

Antes de discorrermos sobre o terceiro tipo de indivíduo, é bom lembrar, com Weber, que não encontramos esses tipos em estado puro, tampouco os veremos separadamente. Nossa intenção, ao construí-los, é mostrar os vários sentidos que o individualismo moderno pode assumir; dependendo do traço que se quer evidenciar, dependendo da perspectiva teórica, individualismo pode significar uma coisa ou outra.

Assim, a construção de tais tipos ideais tem por finalidade radicalizar alguns traços para permitir o entendimento dos vários sentidos dados ao termo **individualismo**. Voltando ao primeiro tipo, o indivíduo “pouco indivíduo”, pode-se observar que ele está em processo de transformação; a sociedade atual está propiciando brechas de oxigenação que vão dando a esses indivíduos possibilidades de se soltar das peias que o sistema impõe. Tais indivíduos se veem, portanto, com a possibilidade de acionar a alavanca da liberdade, da livre escolha e de viver, portanto, novas experiências oferecidas pela hipermodernidade. Também observamos que a definição de individualismo, que os próprios dicionários trazem, parte da visão do segundo tipo, indivíduos “muito indivíduo”.

Nossa hipótese é a de que **individualismo** não implica, necessariamente, egocentrismo, egoísmo e narcisismo. Há mostras, na sociedade atual, da possibilidade de se combinar **individualismo narcisista** e **altruísmo**, mas para isso, temos que dar um outro sentido ao termo individualismo e ao próprio termo narcisismo.

Indivíduo “narcísico altruísta”: a coabitação dos contrários

O terceiro tipo, o indivíduo “narcísico altruísta”, é o que melhor reúne as características da hipermodernidade. É expressão das contradições que dinamizam a sociedade atual. Por essa razão, dedicaremos mais atenção a este tipo.

Considerando as conquistas dos direitos civis, os avanços alcançados pelos movimentos feministas, as transformações no mundo do trabalho, novos idiomas subjetivos, novas linguagens, novos repertórios estão sendo, crescentemente, acessíveis a um número cada vez maior de pessoas, e infinitas combinações estão sendo feitas. Cada novo repertório equivale a uma nova faixa de liberdade socialmente inventada, e cada nova faixa de liberdade corresponde à desnaturalização de uma esfera da vida, à sua historicização, ou seja, à sua potencial

politização. Os novos repertórios são novos vocabulários e estilos de descrição e de redescrção daquilo que cada indivíduo deseja ser, dentro de um campo inesgotável – sexualidade, *hobbies*, espiritualidade, alimentação, meditação, cuidados do corpo, medicina alternativa, vestuário, posicionamento político quanto a diversas questões, homossexualismo, aborto, pena de morte, eutanásia, violência doméstica etc. (SOARES, 2000, p.335-336).

As escolhas múltiplas e variadas oferecidas pela modernidade tardia, em todos os aspectos da vida, colocam o indivíduo numa situação constante de **reflexividade**. Sobre tudo o que fazem, os indivíduos são levados a pensar, optar, decidir. Acabaram-se as certezas da tradição; acabou o tempo das repetições, da previsibilidade, das ordens pré-estabelecidas. Tudo muda velocemente; a dúvida radical se instala em todas as esferas da vida; é o tempo das incertezas; nada mais pode ser previsto; para cada nova ordem, novas desordens. Para tudo o que se quer fazer, há infinitas possibilidades. Os indivíduos têm que escolher, inclusive, que estilo de vida seguir, entendendo estilo de vida como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da autoidentidade. Os estilos de vida são práticas rotinizadas, rotinas incorporadas em hábitos de vestir, comer, modos de agir e lugares preferidos de encontrar os outros; mas as rotinas estão reflexivamente abertas à mudança à luz da natureza móvel da autoidentidade. Cada uma das pequenas decisões que uma pessoa toma todo dia – o que vestir, o que comer, como se conduzir no trabalho, com quem se encontrar – contribui para essas rotinas. E, como propõe Giddens (1991, 2002a), todas essas escolhas são decisões não só sobre como agir, mas também sobre quem ser.

Novos repertórios de escolha daquilo que os indivíduos desejam ser estão abertos a um maior número de pessoas que, num exercício constante de reflexividade, tem de se pôr a escolher e a agir conforme suas escolhas, responsabilizando-se pelas consequências dessas. As inserções nos diversos repertórios implicam constituir-se a si mesmos segundo estilos e recortes estéticos e éticos diversos, o que, por sua vez, induzirá entrosamentos e lealdades as mais diferentes. Descrever-se a si próprio, descrever os próprios desejos e as próprias crenças, recorrendo a um vocabulário tão plástico e rico, corresponde a descrever uma forma de vida, uma forma de inserção social e um conjunto de comprometimentos ético-políticos. Como lembra Soares (2000, p.336), “[...] um indivíduo compõe-se de muitas redes de solidariedade e de várias referências identitárias, abertas a processos estetizantes e a diferentes modelagens do *self*, mais ou menos criativas”.

Daí a crítica de alguns autores às perspectivas que veem o indivíduo como passivo em relação a forças sociais externas que seriam esmagadoras. E, mais do

que isso, muitos autores chamam a atenção para as ligações entre os microambientes da ação e influências sociais mais abrangentes. Para Giddens (2002b, p.162-163), por exemplo, uma descrição adequada da ação em relação à modernidade deve reconhecer os seguintes fatores: os agentes nunca aceitam passivamente as condições externas de ação agindo sobre elas à luz de suas circunstâncias particulares; os agentes estão sempre expostos à condição de reflexividade, tendo de pensar, refletir e fazer opções em todos os aspectos da vida; todos os agentes ocupam uma posição de apropriação em relação ao mundo social, uma vez que,

[...] a vida social moderna empobrece a ação individual, mas favorece a apropriação de novas possibilidades; ela é alienante, mas ao mesmo tempo, de maneira característica, os homens reagem contra as circunstâncias sociais que acham opressivas. As instituições modernas tardias criam um mundo de oportunidades duvidosas e riscos de alta consequência. Mas esse mundo não constitui um ambiente impermeável que resiste à intervenção. Enquanto os sistemas abstratos penetram profundamente na vida cotidiana, as respostas a tais sistemas ligam as atividades do indivíduo a relações sociais de amplitude indeterminada. (GIDDENS 2002b, p.162-163).

Assim, mesmo considerando a força dos processos de globalização, dos sistemas sociais mais amplos, não é possível negligenciar a força dos microambientes, pois que esses reagem e intervêm nos processos sociais globais, e o fazem por meio de seus agentes não-passivos, não dissolvidos pelo sistema. E é dessa forma que os agentes têm uma função de apropriação com relação ao mundo social; é por isso que se pode falar em **empoderamento**.

Seguindo esse raciocínio, alguns autores criticam aquilo que poderia ser chamado de processo de “MacDonaldização” do mundo afirmando que a globalização não impõe uma unificação cultural; a produção de símbolos culturais e de informações em massa não conduz ao surgimento de algo semelhante a uma “cultura global”. Beck (1999, p.105) observa que os contextos “glocais”, que ainda vivem seu processo de formação, devem ser compreendidos como as duas faces opostas da “imaginação de vida possíveis”, que permitam uma imensa variedade de combinações e sejam compostos a partir das coleções infinitas e sempre oscilantes de vidas e identidades grupais desiguais. Lembrando Bauman, o autor diz que os mercados globais, de bens de consumo e informação, impossibilitam a escolha daquilo que deverá ser absorvido, mas a **forma da escolha** é decidida localmente ou dentro da comunidade com a intenção de preparar novos símbolos para estas identidades em dissolução ou reflorescimento, que foram reinventadas ou ainda

estão sendo postuladas. Assim, haveria uma “lógica própria” do desenvolvimento de uma dimensão da globalização.

Diante dessa perspectiva, não caberia pensar em indivíduos “pouco indivíduos”, imobilizados pelas determinações do sistema capitalista dominante. Nas pequenas escolhas feitas diariamente há espaço para o desenho de uma história própria, singular, pessoal, **individual**, portanto. Ainda que o sistema tenha grande força no direcionamento das escolhas, a combinação das várias opções, das decisões, os arranjos que cada indivíduo faz, singularizam sua história, dando-lhes um espaço de liberdade e criatividade, dando-lhes a possibilidade de **individualização**.

Para aprofundar o sentido de individualização, Beck (2003) propõe a expressão **individualismo institucionalizado**. Com isso ele quer dizer que não se trata de uma forma de percepção do indivíduo isolado; trata-se, isto sim, de instituições centrais da sociedade moderna, que possibilitam aos indivíduos desenvolver uma biografia própria, despregar-se das predeterminações coletivas. Assim, individualização significa que se entra numa dinâmica institucional endereçada ao indivíduo, não ao grupo. Como exemplo desse processo, Beck fala da reforma do ensino que, a partir da década de 1960, transforma a educação num fenômeno de massa e atinge, principalmente, as mulheres. Esse processo teve consequências sociais marcantes e isto devido ao fato de a interiorização de ambições educacionais vir ligada à interiorização de direitos e reivindicações que quando se estendem às mulheres – um grupo quase estamental, ao ver de Beck – liberta-as de seu destino “estamental” e cria, para elas, todas as oportunidades e todos os riscos do viver uma vida própria. Abre-se a possibilidade de escolher e decidir sobre suas próprias vidas. Pela via institucional – da escola – abre-se a possibilidade de individualização. Assim, individualização significa a construção de um projeto de vida própria que sempre inclui um projeto de espaço próprio, espaço no sentido físico e simbólico.⁵

O autor ainda adverte que há a possibilidade de, mesmo em condições de individualização, as pessoas escolherem conscientemente formas tradicionais de vida. Contudo, mesmo que se pratique uma forma tradicional de matrimônio, de família, de paternidade, essa forma já não é mais tradicional, pois provém de uma decisão. A pessoa **escolheu** a tradição que, reflexivamente, tornou-se opcional. A pessoa optou sabendo dos riscos dessa opção. Assim, a individualização altera das mais diversas formas as condições de vida das pessoas, sua orientação, a obrigação de se justificar, a necessidade de tomar decisões. Os riscos estão ligados às decisões humanas, quer dizer, ao processo civilizacional, à modernização progressiva. A natureza e a tradição, longe de ter um poder inquestionável sobre

⁵ Beck (2003, p.79) lembra uma fala de Virgínia Woolf no seu belo livro *A Room of One's Own*: “Vocês me pediram que explicasse como uma mulher se torna escritora, e a minha resposta é: tendo um quarto próprio”.

os homens, passam a depender da ação e das decisões humanas. E isto nos remete à questão da liberdade.

Liberdade é a palavra de ordem do indivíduo pós-moderno.⁶ Em lugar de segurança, muita liberdade. Os riscos a que todos estão expostos geram insegurança e esta advém, exatamente, da muita liberdade conquistada. Como observa Bauman (1997, p.10, grifo do autor),

Os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade. Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais.

E é nesse sentido que o autor observa que a insegurança sob a qual vivemos nasce do excesso de liberdade, e não da opressão. Excesso de liberdade que é fruto da desregulamentação da sociedade: as instituições não têm mais o papel regulador de outrora. Sem referenciais claros, os indivíduos se angustiam diante das múltiplas e infinitas possibilidades. Mas, o indivíduo pós-moderno prefere a insegurança gerada por esta multiplicidade de caminhos a disciplinas rígidas e regras inflexíveis que produzem comportamentos padronizados. É exatamente contra a padronização e em favor da liberdade de escolha que se coloca o indivíduo pós-moderno.

Seguindo o mesmo raciocínio, Lipovetsky (2005, p.XVI) fala da radicalização dos sistemas personalizados que rejeitam as estruturas uniformes das sociedades modernas “democráticas-disciplinares, universalistas-rigoristas, ideológicas-coercitivas” que prevaleceram até o decorrer da década de 1950. Estaríamos vivendo uma mudança de tom: o ideal moderno de subordinação do indivíduo a regras racionais coletivas foi pulverizado – a lógica da vida política, produtiva, moral, escolar, protecionista consistia em imergir o indivíduo nas regras uniformes, em eliminar o máximo possível as formas de preferência e expressões singulares. Aqui está a mudança: o processo de personalização radicalizou um valor fundamental: o da realização pessoal, do respeito à singularidade subjetiva, “o direito de ser absolutamente si mesmo”, e aproveitar a vida ao máximo; é a vitória do indivíduo

⁶ Este trabalho trará várias formas de referência à atual fase da modernidade, pois os autores aqui lembrados remetem-se a esta fase de várias maneiras: Giddens (2002a, 2002b, 1991) fala em “Alta Modernidade” ou “Modernidade Tardia”; Beck (2003, 1999) fala em “Segunda Modernidade” ou “Modernidade Reflexiva”; Bauman (2000, 1998) fala em “Pós-Modernidade” ou “Modernidade Líquida”; Lipovetsky (2007, 2005) chamou esta fase de “pós-moderna” em alguns trabalhos, mas, atualmente, fala em “Hipermodernidade”.

livre como valor principal, ou seja, “[...] o ideal da autonomia individual é o grande vencedor da condição pós-moderna” (LIPOVETSKY, 2005, p.93).

O conceito de narcisismo empregado por Lipovetsky, e tomado de empréstimo para construção do nosso tipo ideal de indivíduo “narcísico altruísta”, nasce nessa lógica de liberdade e autonomia construída num processo constante de personalização. Não se trata de pensar, portanto, narcisismo como sinônimo de egoísmo. O narcisismo expressa a culminação da esfera privada. Há como que um processo de destituição e mecanização do que antes era tido como superior, ou seja, há uma retração dos objetivos universais que impulsionaram a militância ideológica e política de outros tempos em favor de um desejo de estar entre idênticos, junto aos demais indivíduos que compartilham as mesmas preocupações imediatas e circunscritas.

O narcisismo não se caracteriza apenas pela autoabsorção hedonista, mas também pela necessidade de se reagrupar com seres ‘idênticos’ [...] encontra seu modelo na **psicologização** do social, do político, do cenário público em geral, na subjetivação de todas as atividades antes impessoais ou objetivas (LIPOVETSKY, 2005, p.XXIII).

É disso que se trata: psicologização e subjetivação de todas as esferas da vida. A esfera privada passa a predominar sobre a pública; os interesses privados ganham nova dimensão e visibilidade. Bauman (2000, p.71) observa que há uma inversão da noção de privado, assim como uma inversão da noção de público: era costume aplicar-se o conceito de “público” a coisas e eventos de natureza ‘coletiva’, coisas e fenômenos que não podiam ser reivindicados como assunto privado, mas sobre os quais todo mundo podia pretender alguma autoridade pelo fato de tais coisas e eventos afetarem seus interesses e bens privados. Na sociedade atual, o “público” foi transformado em território onde são exibidos assuntos particulares e bens pessoais. Questões íntimas, problemas pessoais, conflitos familiares, são declarados ‘de interesse público’. Os *talk-shows*, que têm grande audiência no mundo todo são expressões disso. Problemas de casais, de pais e filhos, de parentes, de namorados, são transformados em questões de interesse público, valendo opiniões e posicionamento de todos sobre os casos. Mas o significado de “interesse” também passou por uma mudança essencial, sendo agora reduzido ao de curiosidade e ‘interesse’ em matar essa curiosidade. “Tornar público o que quer que desperte ou possa despertar curiosidade virou o cerne da ideia de uma coisa ‘ser do interesse público’. E cuidar de exibir de forma atraente o que se divulga de modo a despertar curiosidade virou a principal medida do ‘bom serviço ao interesse público’”.

Nada mais apropriado para o indivíduo narcisista: **exibir de forma atraente** o que quer que seja. Mais importante do que o conteúdo da mensagem, é o desejo de falar, de se expressar, de tornar qualquer questão digna de **espetáculo**. O indivíduo narcisista prioriza o ato de comunicação sobre a natureza do comunicado, fazendo com que o remetente seja transformado em seu principal destinatário.

Daí essa pleora de espetáculos, de exposições, de entrevistas, de proposições totalmente insignificantes [...] outra coisa está em jogo: a possibilidade e o desejo de se expressar qualquer que seja a natureza da mensagem, o direito e o prazer narcisista de se manifestar a respeito de nada, por si mesmo, mas retransmitido e amplificado por um meio de comunicação [...] o narcisismo revela a sua convivência com a ausência de substância pós-moderna, com a lógica do vazio” (LIPOVETSKY, 2005, p.XXIV).

O que o narcisista quer é viver sem pressões, sentir-se livre para escolher seu modo de vida e ainda poder se expressar a respeito de tudo, só pelo prazer de se expressar, de se mostrar, de se exibir. A aparência é fundamental ao narcisista, indivíduo obcecado por sua imagem. O consumismo é o motor de sua existência; é pelo consumo frenético que o narcisista renova sua imagem continuamente.

É o consumismo, portanto, que dinamiza esta fase da modernidade e o faz de modo peculiar: a moderna sociedade capitalista sempre se pautou na produção de coisas para o consumo de seus membros. A diferença entre os dois estágios da modernidade é de ênfase e prioridades, e essa mudança de ênfase faz uma enorme diferença em todos os aspectos da sociedade, da cultura e da vida individual. O mundo se transforma em todas as suas dimensões – econômicas, políticas e pessoais – segundo o padrão do mercado de consumo, pronto a agradar e mudar suas atrações com uma velocidade cada vez maior. Bauman (1998, p.88-91) observa que o consumidor da **sociedade do consumo** é uma criatura acentuadamente diferente dos consumidores de quaisquer outras sociedades até aqui, pois hoje se pensa: “[...] se é necessário consumir para viver ou se o homem vive para poder consumir”. O jogo do consumidor se dá “não tanto pela avidez de adquirir, de possuir”, mas, sobretudo, em busca da “[...] excitação de uma sensação nova, ainda não experimentada. Os consumidores são primeiro e acima de tudo acumuladores de **sensações**; são colecionadores de **coisas** apenas num sentido secundário e derivativo”.

O mecanismo de **sedução** é o novo ingrediente desta sociedade que vive em busca de novas sensações.⁷ Toda a vida das sociedades contemporâneas passou a ser

⁷ Sobre o impacto dos mecanismos de sedução nas organizações contemporâneas, consultar Thomaz Wood Junior (1999, 2001).

comandada por uma nova estratégia: ao invés de “relações de produção, relações de sedução”. Mas não se trata de pensar sedução como representação falsa ou alienação das consciências; trata-se de pensá-la como um instrumento de multiplicação e diversificação da oferta, “[...] em oferecer mais para que você possa escolher melhor, em substituir a indução uniforme pela livre escolha, a homogeneidade pela pluralidade, a austeridade pela satisfação dos desejos”. Usar a sedução para um objetivo maior: a multiplicação das escolhas. (LIPOVETSKY, 2005, p.3).

São tantas as possibilidades que se abrem aos indivíduos que já se fala em “nomadismo tecnológico e afetivo”: diante do consumismo turbinado, o indivíduo hipermoderno vive se movimentando, sem lugar de parada, sempre em busca de novas sensações no campo material e afetivo. E isto tem consequências: excesso de liberdade, excesso de ofertas, excesso de consumo, e muita frustração, decepção e desapontamento. A felicidade é prometida a todos e os prazeres são enaltecidos em cada esquina; o incentivo ao consumismo frenético vem acoplado à ideia de satisfação e prazer. Busca-se “qualidade de vida” em todos os campos da atividade humana: em casa, no trabalho, no lazer. Quanto mais se fala em qualidade de vida, em felicidade, em prazer, mais aumentam as chances de frustração e decepção (LIPOVETSKY, 2007).

O indivíduo sente-se frustrado consigo mesmo e se sente responsável por todos os seus insucessos. É a ele, indivíduo narcisista, que se dirigem as glórias pelos seus sucessos e também a decepção pela não conquista de seus objetivos. É ele o grande responsável pela imagem que vê refletida no espelho.

Esta lógica está impregnada em todas as esferas da vida. No mundo do trabalho, por exemplo, fala-se da **lógica da competência**. A partir das últimas décadas do século passado teria havido uma mudança no referencial da qualificação: um deslocamento do referencial da qualificação do emprego para a **qualificação do indivíduo**. Esse deslocamento significa que as apostas são feitas agora no indivíduo. Há um recuo da prescrição, que dominou o universo do trabalho por toda a era taylorista-fordista, e uma abertura de espaço para a autonomia e para a automobilização do indivíduo. Competência passa a significar “o tomar iniciativa” e “o assumir responsabilidade”, por parte do indivíduo, diante de situações profissionais com as quais se depara (ZARIFIAN, 2001, p.68).

É o próprio indivíduo que deve ser mobilizado; é ele o “[...] principal ator do desenvolvimento de suas competências particulares à medida que as mobiliza e as faz progredir em situações profissionais reais, empíricas”. É certo que a questão da motivação já estava posta no taylorismo. Mas, a partir da lógica da competência, a motivação passa a tocar em profundidade a própria personalidade do indivíduo, ativando motivos profundos para o desenvolvimento de suas competências. Esses

motivos profundos devem tocar a questão do sentido que o indivíduo pode dar à sua atividade profissional que deve estar ligado ao sentido que emprega à sua vida como um todo (ZARIFIAN, 2001, p.121-123).

Aí também a liberdade: sem as antigas prescrições e disciplinas rígidas, cabe ao indivíduo buscar recursos dentro de si e se mobilizar para enfrentar o contínuo processo de desenvolvimento das competências. É ele o **protagonista** da sua história, a arcar com toda a sensação de liberdade e autonomia e, na mesma medida, com a responsabilidade pelo sucesso ou insucesso de suas escolhas e de sua felicidade.

Mas o indivíduo narcisista não está só. Não é um átomo que age independente dos outros, que age sozinho. Por isso falamos em indivíduo altruísta. Não é viver para o outro, mas é poder definir-se enquanto indivíduo contando com o outro. A individualização institucional proposta por Beck (2003), por exemplo, requer a comunhão com o outro. E é essa uma nova forma de segurança para os indivíduos. Trata-se de uma cultura que experimenta um novo modo de conciliar o individualismo com a moral social e de vincular a voluntariedade e a individualidade a uma existência para os outros. Na mesma direção posiciona-se Giddens, afirmando que na sociedade pós-tradicional os elos sociais têm efetivamente de ser feitos, e não herdados do passado. É uma sociedade descentralizada em termos de autoridades, mas recentralizada em termos de oportunidades e dilemas, porque está concentrada em novas formas de interdependência.

O que estamos presenciando é um enredamento cada vez maior e mais envolvente entre pessoas as mais diferentes. Em tudo o que se faz, em todos os ambientes da sociedade, encontram-se pessoas nas mesmas condições, com os mesmos propósitos, com sonhos similares. Pessoas vindas dos mais diferentes lugares, com histórias próprias. Entrecruzam-se vidas, misturam-se culturas, trocam-se experiências. Formam-se redes de solidariedade e de lealdades que são móveis porque mudam com o tempo. Tais redes servem para assegurar interesses momentâneos dissolvendo-se logo em seguida; e, então, outras redes são formadas para serem depois dissolvidas, num processo continuado e dinâmico.

E mais do que isso, o “individualismo altruísta” parte do pressuposto de que a conquista de espaços onde o exercício da individualidade seja possível é feita contando com o outro, e não solitariamente. Por exemplo, para conquistar o direito de poder se casar oficialmente, dividir bens, ter ou não filhos etc., foi preciso que o movimento dos homossexuais se organizasse. A garantia do exercício da individualidade implica o convívio com o outro nas conquistas da liberdade e da autonomia com relação aos valores e às determinações da “comunidade heterossexual”. Foi preciso desconstruir tais valores, descolando-se dessa comunidade para, então, construir novos valores. Neste sentido, a garantia da

individualidade é dada pela ação coletiva. O sujeito é um ator social em ação com o outro. As possibilidades de individualização são conquistas coletivas e quando institucionalizadas, são garantidas a todos.

Por isso a possibilidade de se pensar indivíduo “narcísico altruísta”. Mas não é só isso.

Por uma outra lógica individualista: sensibilidade e participação

Pensar individualismo como sinônimo de egoísmo, de egocentrismo, empobrece o entendimento das alternativas que são dadas aos indivíduos. Para sentirem-se indivíduos, integrados consigo mesmos, indivisos, portanto, esses devem investir no seu *eu*, devem exercitar um narcisismo que leve ao autocentramento. Isto não quer dizer que fiquem mergulhados em si e percam o foco no outro. Buscar fortalecer a autoestima, individualizando-se, não implica, necessariamente, perder a sensibilidade com o outro.

Apesar de obcecado por si mesmo e, muitas vezes, levando a extremos a busca de satisfação e prazer, o indivíduo hipermoderno não é insensível: há o “cada um por si”, o individualismo identificado com o egoísmo, mas há também outros fenômenos em curso que levam a matizar esse quadro excessivamente pessimista. Por exemplo, o crescimento nas últimas décadas do número de ONGs, de trabalhos voluntários, da filantropia, de intercâmbio solidário por toda a Europa, sinaliza a favor da solidariedade e do comprometimento com o outro.⁸ Outros exemplos mostram que nos países do Sul – Índia, África do Sul, Colômbia, Portugal, Brasil – também tem aumentado o número de ONGs, trabalho voluntário e filantropia, e ainda tem havido uma expressiva intensificação de ricas modalidades participativas.⁹

Ao lado de um grande investimento na satisfação pessoal e de um alheamento em relação à coisa pública, há sensibilização e participação. Mas essa participação mudou de cara. Tornou-se mais pragmática: “não é bem um abandono radical da coisa pública que se manifesta, mas sim uma sensibilização mais pragmática em busca de políticas concretas, mais próximas das preocupações dos cidadãos”. No lugar de adesão a princípios políticos gerais, verifica-se o fortalecimento das comunidades particulares – étnicas, religiosas, regionais – em busca de soluções para seus problemas imediatos:

⁸ Lipovetsky (2007, p.70) mostra que existem mais de quatrocentas ONGs com estatuto consultivo junto ao Conselho Europeu. Na França, 80% das associações são conduzidas ou impulsionadas por grupos voluntários, além do fato de que 3,5 milhões de voluntários concedem ao menos duas horas por semana para entidades beneficentes; quase metade dos franceses está envolvida em atividades filantrópicas.

⁹ Cf. Santos (2002), Avritzer, (2002, 2008) e Teixeira (2002).

“[...] a identificação individual vai deixando de se configurar como adesão a princípios políticos gerais, atendendo cada vez mais a referenciais da história, da cultura, da religião, da etnia” (LIPOVETSKY, 2007, p.39-40).

Também não se pode falar num retraimento completo em relação às necessidades alheias: “[...] os indivíduos continuam revelando particular apreço pelas noções de respeito, auxílio mútuo e solidariedade [...] o indivíduo fortemente autocentrado ainda possui uma sensibilidade altruísta capaz de se mobilizar diante do infortúnio de seu semelhante”. (LIPOVETSKY, 2007, p.71). E não é só isso. O autor observa que da década de 1990 para frente, “a tonalidade da cultura mudou”: as aspirações hedonistas e a dinâmica liberal da afirmação individualista continuam a existir. Mas ao hedonismo desregrado seguiu-se o hedonismo prudente. E nesse sentido, as temáticas da ética, do trabalho e da responsabilização ganham nova ênfase:

Narciso está agora em busca de limites, de ordem e de responsabilidade à sua medida [...] não existe qualquer contradição entre o progresso do individualismo e as novas aspirações éticas, na medida em que se escolheu uma moral indolor. (LIPOVETSKY, 2005, p.71, 197).

A sociedade hipermoderna não destrói os referenciais de ordem moral. Mas não são mais as instituições tradicionais – Família, Escola, Igreja, Estado – que ditam as regras do certo e do errado, do bem e do mal. Aquilo que era indiscutível nas sociedades tradicionais é posto em discussão em diferentes fóruns; organizam-se redes e comissões para discutir sobre as mais diversas questões: aborto, eutanásia, homossexualismo, manipulação genética, procriação. Ou seja, não estamos vivendo uma decadência moral, “[...] mas uma pluralização das éticas conforme a natureza de nossa sociedade – secularizada, democrática e individualista” (LIPOVETSKY, 2007, p.57).

O que o indivíduo “narcísico altruísta” rejeita fortemente é a abnegação, a submissão, a imposição. O que lhe dá prazer é a multiplicidade de escolha à sua disposição, pronta para o consumo como num supermercado ou *shopping center*. O indivíduo hipermoderno é fundamentalmente um ser livre para fazer escolhas. É disso que se trata: sentir-se livre para escolher o que pensar, como agir, como viver. Ter a possibilidade de escolher, por exemplo, doar parte de seu tempo para as causas do outro. Ou poder escolher entrar num movimento de mobilização em defesa da ética, da paz, do meio ambiente, das minorias etc. Ou ainda poder escolher participar de espaços que resultem políticas que intervenham diretamente no seu cotidiano.

Trata-se de um outro modo de inserção: mais pragmática, mais imediatista, defensora de interesses particulares, mais vulnerável a modismos e campanhas

midiáticas. Aliás, a “cultura da tela” e a “espetacularização” da vida dão o tom à hipermodernidade. Com elas, a valorização do aparecer sobre o ser, da emoção sobre a reflexão, da fruição sobre o espírito crítico. Mas também aqui é possível relativizar o pessimismo. Como pondera Lipovetsky (2007, p.59-60), “[...] a sociedade da fruição não conseguiu exterminar a sede de entender, de aprender e de refletir. Temos motivos para pensar que, no futuro, essa força propulsora possa se ampliar”. E isto por duas razões principais: uma, que diz respeito ao poder da **internet** para estimular a curiosidade, incentivar os indivíduos a propor novos temas e soluções, alargar seus horizontes de conhecimento; a outra se refere ao alcance fundamental da ciência para o desenvolvimento do espírito crítico: os desafios científicos são cada vez maiores no que diz respeito à compreensão e comprovação de fenômenos; há um constante questionamento cuja função é recolocar em pauta os dados recebidos, promovendo uma contínua reformulação do problema. Esse exercício constante favorece o desenvolvimento da reflexão e do espírito crítico.

Se é assim, há razões para sermos otimistas: ao lado do individualismo egoísta, impermeável, possibilidade de um individualismo pautado pelo outro; ao lado da despolitização, do recuo das grandes questões que moviam projetos políticos, utopias e sonhos, movimentação e participação em busca de soluções pragmáticas para os problemas do cotidiano; ao lado do enfraquecimento da moral ditada pela tradição, uma pluralidade de temas éticos dispostos para discussão.

Os três tipos de indivíduos caracterizados neste trabalho, os “pouco indivíduos”, os “muito indivíduos” e os indivíduos “narcísico altruístas” vão viver as possibilidades abertas pela hipermodernidade com nuances diferentes. Alguns estarão mais soltos para colocar as peças com maior liberdade no jogo da vida; outros estarão mais presos e com o campo de visão restrito para enxergar a própria dinâmica do jogo; ainda outros estarão em posição mais favorável, com chances maiores de manipular as peças em benefício próprio.

Seja como for, o fato de estarmos vivendo sob modos de vida mais dinâmicos e abertos, mais mutáveis, menos predeterminados socialmente, menos previsíveis, baseados num amplo leque de opções com relação a valores, formas de ser, pensar e agir, abre novas oportunidades para o **empoderamento** dos indivíduos. Ao lado do risco, das incertezas, da imprevisibilidade, da insegurança, novas jogadas são testadas. Ao lado da frustração e da decepção, novas tentativas em busca de prazer e felicidade.

Se a perda de referenciais tradicionais e a imposição da situação de **escolha permanente** produzem angústia, também, em igual medida, possibilitam oxigenação constante e incitam para mudança na condução da vida. Esta é a riqueza desta fase da modernidade: todas as características anunciadas na **Primeira Modernidade**

são agora radicalizadas; também ao protagonismo do indivíduo a radicalização: a ele se anunciam, como em nenhuma outra época, possibilidades de uma escrita própria que permita novas combinações e modalidades nas várias esferas da vida. Outros desafios poderão ser projetados para o futuro e, quiçá, novas esperanças na construção de uma sociedade de indivíduos mais livres e felizes.

THE INDIVIDUAL PROTAGONISM IN THE HYPERMODERN SOCIETY

ABSTRACT: *This article aims at discussing the variety of meanings that the term individualism may assume in the hypermodern society. The article addresses it by the creation of a typology of individuals: “less individual”, “very much” and “narcissistic-altruistic”. The last one best fits to describe our society: a paradoxical society in where contradictory meanings live side-by-side. In fact, contradictions and paradoxes are the reason for optimism: individuals can be at the same time extremely in love for themselves and sensitive to others.*

KEYWORDS: *Individualism. Hypermodernity. Narcissism. Altruism. Consumerism.*

Referências

AVRITZER, L. Instituições participativas e desenho institucional: algumas considerações sobre a variação da participação no Brasil democrático. **Opinião Pública**, Campinas, v.14, n.1, p.43-64, jun. 2008.

_____. Modelos de deliberação democrática: uma análise do orçamento participativo no Brasil. In: SANTOS, B. S. **Democratizar a democracia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p.561-597.

BARCELONA, P. **O egoísmo maduro e a insensatez do capital**. São Paulo: Ícone, 1995.

BAUMAN, Z. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BECK, U. **Liberdade ou capitalismo**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.

_____. **O que é globalização?** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio**. Curitiba: Positivo, 2009

- GIDDENS, A. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2002a.
- _____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002b.
- _____. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1991.
- HELLER, A. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LASCH, C. **O mínimo eu**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LIPOVETSKY, G. **A sociedade da decepção**. Barueri: Manole, 2007.
- _____. **A era do Vazio**. Barueri: Manole, 2005.
- MARTELLI, C. G. **Auto-ajuda e gestão de negócios: uma parceria de sucesso**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.
- SANTOS, B. de S. **Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SOARES, L. E. A racionalidade do 'politicamente correto' ou: Weber errou porque estava certo. In: SOUZA, J. (Org.). **A atualidade de Max Weber**. Brasília: Ed. da UNB, 2000. p.325-254.
- TEIXEIRA, E. **O local e o global: limites e desafios da participação cidadã**. São Paulo: Cortez, 2002.
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1985.
- _____. **Economia e sociedade**. Brasília: Ed. da UNB, 1999.
- WOOD JR, T. **Organizações espetaculares**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.
- _____. **Gurus, curandeiros e modismos gerenciais: gestão empresarial mais leve que o ar**. São Paulo: Atlas, 1999.
- ZARIFIAN, P. **Objetivo competência: por uma nova lógica**. São Paulo: Atlas, 2001.

Recebido em maio de 2010

Aprovado em setembro de 2010